

MUSEU DA PESSOA

História

A Criatividade Particular do Brasileiro

História de: [Vanessa Weber Leite](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 27/07/2008

Sinopse

Vanessa Weber Leite começa compartilhando os motivos que a levaram a cursar Serviço Social. É consultora de responsabilidade social do SESI - Santa Catarina e relata que acompanha desde o início as iniciativas do Instituto Ethos. Acredita que a responsabilidade social no Brasil está madura, mas ainda tem diversos pontos à melhorar.

Tags

- [responsabilidade social](#)
- [SESI](#)
- [Instituto Ethos](#)
- [investimento social](#)

História completa

P/1 – Vanessa vamos começar com você nos falando seu nome completo, local e a data do seu nascimento.

R – Tá. Meu nome é Vanessa Weber Leite, nasci no dia 17 de outubro de 1973 em Diadema, São Paulo.

P/1 – E qual é a sua atividade atual?

R – Atualmente eu sou consultora de responsabilidade social do SESI Santa Catarina.

P/1 – E a tua formação?

R – Eu sou formada em Serviço Social.

P/1 – Porque você resolveu fazer Serviço Social?

R – Na época, bastante nova, com 16, 17 anos eu tinha aquela visão de transformar o mundo e a minha escolha tem muito a ver com os meus valores, né? Desde sempre querer fazer algo diferente pra transformar a vida das pessoas, ainda naquela época uma visão muito assistencial e o Serviço Social mesmo mostrou que o desenvolvimento era uma grande oportunidade pra alcançar isso, principalmente, através dos jovens e da educação. E a minha escolha tem a ver com isso, com a vontade de transformar as coisas, o ambiente, o cenário que desde aquela época e

continua não é lá essas coisas.

P/1 – E como você conheceu o Instituto Ethos?

R – Bom, o Ethos eu conheci, na verdade eu vi nascer e ele se desenvolveu também junto com a minha carreira profissional, né, dentro da área de responsabilidade social. Em 1998 eu e uma colega de trabalho, então numa multinacional que eu trabalhava, fomos a um encontro do GIFE [Grupo de Institutos Fundações e Empresas], o encontro Ibero-americano. E lá foi anunciado questões relacionadas a um instituto que seria aberto pra trabalhar as questões de responsabilidade social, além do investimento social que a gente estava se aprofundando nesse encontro. Então, desde aquela época, eu trabalhei na BASF durante 12 anos, nós acompanhamos, eu acompanhei desde 1998, todas as iniciativas do Ethos, todas as suas ferramentas, o seu crescimento, participei de várias reuniões, de todas as conferências. E, assim, na verdade o Ethos faz parte da minha vida profissional, né, é um ponto alto todo ano vir aqui, conhecer as novidades e os pontos discutidos na área e levar sempre na instituição onde eu to trabalhando, atualmente no SESI, pra evoluir também na prática profissional, então desde de 1998, quando ele nasceu, eu conheço.

P/1 – E em algum momento você chegou a ser parceira, associada do Ethos, alguma coisa assim, a empresa que você trabalhava tinha uma parceria com o Ethos?

R – Sim. Atualmente eu sei que o SESI tem uma parceria forte, né, principalmente no trabalho. E assim, nesses últimos anos, no portfólio todo de ferramenta de gestão que sempre é lançado anualmente com as suas atualizações. É sempre muito importante pras pessoas que trabalham na área e em outras épocas, na outra empresas, trabalhos específicos em relação a grupos, a temas explorados e trabalhados na empresa.

P/1 – Eu sei que você está há pouco tempo no SESI, porque a gente tem uma pergunta sobre as ações socioambientais da empresa que você está agora, da organização, não sei se você pode falar um pouco sobre isso ou se não dá pra falar por você estar pouco tempo no SESI? O que você acha?

R – Eu posso falar da nossa orientação pra outros clientes, né? Em relação às ações socioambientais e todas as questões relacionadas a gestão da responsabilidade social, corporativa, o SESI trabalha com uma consultoria, né, assessorando clientes, pequenas, médias e grandes empresas, indústrias a desenvolver, melhorar, aperfeiçoar, né, a sua gestão nesses pontos pra atingir a sustentabilidade cada vez maior dos próprios negócios e da sociedade, né? Então ações relacionadas, por exemplo, a questão do balanço social, a gestão da responsabilidade corporativa, a gestão do investimento social, entre outras.

P/1 – E dentro disso vocês procuram alinhar com os indicadores do Ethos?

R – Com certeza, os indicadores do Ethos são uma ferramenta, assim, essencial pro trabalho, inclusive da consultoria, e que a gente percebe que tem um resultado bastante importante pros clientes, onde ele consegue medir e evoluir na sua atuação, criar metas e entender a sua própria gestão relacionada ao tema.

P/1 – E como você avalia a sensibilização e o engajamento das empresas brasileiras no movimento de responsabilidade social, socioambiental nessa área?

R – Bom, eu consigo avaliar assim, ela está num momento mais maduro, mas tem muitas questões ainda pra alcançar, né? Nesses últimos dez anos a gente percebe um incremento no movimento, as pessoas que tomam decisão nas empresas estão cada vez mais comprometidas e engajadas, mas ainda tem muita coisa pra fazer. Eu acho que a questão socioambiental ainda precisa ser mais considerada nas decisões dos negócios, na hora de desenvolver um produto, na hora de buscar um fornecedor e avaliar a cadeia produtiva e incorporar isso, dividir a empresa que tem com a sua cadeia e os funcionários também, né, então muita coisa foi feita, mas muita coisa tem a se fazer.

P/1 – E como você avalia o estágio brasileiro dessas ações frente aos demais países do mundo?

R – Olha, eu percebo que o Brasil, ele tem um movimento bastante criativo, bastante importante, significativo no cenário mundial, mas até por conta de muitas empresas serem multinacionais, as decisões muitas vezes não moram aqui, então muitas vezes as coisas poderiam acontecer mais rápidas. Mas enfim, a participação criativa e sempre muito motivada do movimento brasileiro e das pessoas, né, das pessoas que estão nesse processo é muito importante, né, e tem se destacado. E é uma percepção até pessoal por conta da minha história no movimento nas empresas que eu trabalhei, sempre influenciando também, sendo (Benchmark?) muitas vezes para a própria matriz e pra outras unidades em outros países. Então assim, o brasileiro, quando ele está trabalhando a responsabilidade social, ele tem uma criatividade bastante particular e importante, não só a criatividade como o compromisso, com uma seriedade que faz diferença.

P/1 – E como você avalia o impacto das ações desenvolvidas pelo Instituto Ethos?

R – Essenciais, pros profissionais da área que se formaram nesses últimos dez anos, pros que estão se formando com um portfólio de ferramentas e de histórico, e de manuais e de idéias já consolidadas, mas que precisa de muito conhecimento. A criação do UniEthos, né, foi um ponto bastante importante, marcante dentro dessa história de dez anos do Ethos, bastante importante pra quem trabalha na área ter mais subsídio sempre pra influenciar decisões. Porque muitas vezes as pessoas estão aqui, mas elas não tomam as decisões, mas ela influenciam a tomada de decisão, então o Ethos é fundamental pra ser realmente um centro de discussão dos tomadores de decisão. E um local de apoio pra quem precisa de ferramentas, precisa de troca de informação, precisa de uma rede de relacionamento pra influenciar essas tomadas de decisão é essencial em qualquer empresa.

P/1 – E qual que você considera o maior desafio do Instituto Ethos?

R – O maior desafio é realmente influenciar pessoas que definem os negócios, além da liderança e todo o corpo gerencial da empresa, com os líderes das empresas a tomar decisões cada vez mais sustentáveis na hora de pensar um produto, na hora de pensar numa campanha de marketing, na hora de pensar uma política de recursos humanos. Então muita coisa foi feita, mas eu acho que ainda tem muita coisa pra fazer pra realmente todo o conjunto das empresas e o conjunto de suas relações individualmente terem um impacto cada vez mais positivo e trazer e reverter esse quadro o quanto antes no cenário.

P/1 – Você acha que até já respondeu um pouco, mas a próxima pergunta é como você acha que o Ethos deverá se posicionar nos próximos dez anos? Não sei se é dentro dessa linha aí que você estava falando?

R – Eu acho que o Ethos, a minha percepção é que ele tem que bater bastante na tecla, como ele faz muito bem, sensibilizando, comunicando e trabalhando todo um arcabouço de ferramental, pessoas de fato de negócio. Porque o institucional, as pessoas do corporativo, as pessoas que influenciam os consultores, as pessoas já estão, vamos dizer assim, prontas, mas as pessoas que decidem ainda no negócio, ainda precisam ser, vamos dizer assim, alcançadas, né? Então as pessoas que fazem parte das áreas funcionais, então a grande comunicação, o RH, as áreas estratégicas tem já uma certa influência, mas quem tá lá na área do negócio, vendendo, comprando ainda precisa ser mais influenciado, no fim é quem toma a decisão final. Então eu acho que poderia tá encaminhando pra um pensamento mais forte junto do negócio, né, não só das áreas funcionais que pensam o institucional, mas descer ali na decisão do dia a dia que na verdade, na venda, no produto, na definição, no designer, no desenvolvimento de todo o processo produtivo acho que ainda precisa, não que não tenha influenciado, mas que precisa ser mais forte.

P/1 – Você que acompanhou o Ethos desde o nascimento o que você acha que foi a maior realização do Ethos nesse setor de responsabilidade socioambiental?

R – Eu acho que é continuar existindo, eu acho que o grande desafio do Ethos é continuar existindo, atendendo todos esses desafios novos que vão surgindo. Eu lembro do primeiro desafio, que inclusive era desafio meu também como profissional na área, esclarecer que responsabilidade social não era projeto social, mas era também projeto social e que a gente estava falando de gestão. Então ele foi amadurecendo e foi tendo os desafios, vamos dizer assim, ultrapassados mesmo, no sentido de alcançados e outros se fazem, né? Então eu acho que existir e aceitar esses desafios propostos, tanto pelas empresas como pela própria sociedade que traz essas questões, já é um grande desafio, continuar existindo, aceitando esses desafios.

P/1 – E a maior realização é isso também?

R – A maior realização do Ethos?

P/1 – Do Ethos.

R – Eu acho que a maior realização, que quando eu penso em Ethos, me vem à mente então, pra mim é prioridade, é prioritário, é conseguir reunir e concretizar uma rede de pessoas que pensam este assunto no Brasil, né? Então a gente pensa em Ethos, a gente pensa na rede, a gente pensa nas pessoas, a gente pensa nos consultores, a gente pensa nos escritores, nos grandes idealistas, nas pessoas que estão ali no dia a dia fazendo, tanto na área de RH como presidente de empresa, como diretor. São pessoas que formam uma grande rede, né, que o Ethos articula, então é a grande realização é, sempre vai ser, no meu entender, fomentar essa rede.

P/1 – Então tá bom Vanessa, obrigada.

R – De nada.

[PDF do Depoimento Completo](#)